

# Mercúrio é vendido sem fiscalização em Roraima

Controlar o uso do metal tem sido tarefa quase impossível segundo os técnicos

PLÍNIO VICENTE

BOA VISTA — Com a maior liberdade, sem ninguém para impedir ou fiscalizar, é possível comprar mercúrio, metal amplamente utilizado pelos garimpeiros que ocupam as áreas indígenas de Roraima. Vendido nos balcões das casas especializadas em produtos para garimpo, o mercúrio está sendo espalhado em toneladas na cadeia fluvial da região. O controle do uso do metal, para o engenheiro-residente do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) em Roraima, geólogo Salomão Cruz, é uma tarefa no momento considerada impossível. “É preciso desencadear uma operação de guerra para coibir o uso do mercúrio”, propõe Cruz.

O geólogo admite que o produto vem sendo usado numa escala tão grande que chega a assustar. “Os garimpeiros estão misturando até 1,7 quilo para cada mil gramas de ouro apurados”, denuncia. Isso é um absurdo. A longo prazo, haverá sérias conseqüências”, adverte o geólogo. No entanto, ele nega que a população de Boa Vista esteja correndo risco imediato ao consumir a água captada no Rio Branco, principal coletor de toda a bacia hidrográfica de Roraima. Cruz explica que o mercúrio em estado sólido ingerido pelo homem não faz mal, sendo imediatamente expelido pelo organismo. “O perigo está na sua decomposição no fundo dos rios, quando ele se mistura ao plâncton e entra na cadeia biológica. Quem comer peixes contaminados, fatalmente será envenenado”, esclarece o geólogo.

Embora com venda proibida em todo o Brasil, o mercúrio ainda não mereceu maior atenção do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama), em Roraima. Na delegacia regional do órgão em Boa Vista, há apenas um amontoado de papéis contendo normas e instruções. Na prática, falta tudo. Até mesmo a definição sobre quem deve fazer o papel de polícia. O delegado do Ibama, Reginaldo Costa, afirma que está esperando recursos — financeiros, materiais e humanos — para poder montar uma estrutura que lhe per-



Renato dos Anjos/AE

*Mercúrio nos rios de Roraima: despejo sem controle*

mita fazer cumprir a lei. “Por enquanto, com o pequeno número de agentes que temos e a falta de condições mínimas necessárias para executar uma missão mais arrojada, será difícil fiscalizar os nove milhões de hectares por onde se espalham cerca de 50 mil garimpeiros”, explica Costa.

Para o governador do Estado, Romero Jucá Filho, ex-presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), será muito difícil, sem que se tenha grande volume de recursos, impedir que o mercúrio continue envenenando rios, lagos e igarapés. Jucá cita as condições adversas que o agente florestal precisa enfrentar para poder fazer esse trabalho e lembra um episódio recente envolvendo o pessoal da Sucam, sem dúvida o mais preparado para conviver com os perigos da floresta: “Os guardas sanitários, que deveriam passar 30 dias no mato tratando dos garimpeiros e índios com malária, agüentaram somente uma semana. Depois disso, começaram a desertar e fugir para Boa Vista”, contou o governador, para quem só com ordenamento da atividade garimpeira, promovida pelo Estado, será possível coibir o uso do mercúrio, subs-

tituindo-o por outro produto menos tóxico ou encontrando alternativas que impeçam seu lançamento no meio ambiente.

Em Boa Vista, onde a poluição do ar provocada pela queima de mercúrio nas casas de compra de ouro é bastante acentuada, a prefeitura tem encontrado dificuldades para obrigar que o decreto do prefeito Barac Bento seja cumprido. Obrigadas a instalar filtros de contenção do metal em estado gasoso, as lojas resistem à medida sob a argumentação de que não há material disponível para venda. O prefeito deu ultimato às lojas: “Ou instalam os filtros ou fecham. Não vamos permitir que elas continuem envenenando o ar de Boa Vista”.

O dono da loja Maranhão Metais, Jonas Campelo, afirma que não tinha conhecimento do decreto do prefeito, o mesmo argumento de seu colega da Santa Inês Metais, João Santos Lopes. Na verdade ele e outros compradores de ouro estão procurando ganhar tempo. A maioria já se prepara para sair de Roraima por dois motivos: a constante ameaça de fechamento dos garimpos e a queda de cerca de 50% na produção, em relação ao ano passado.